

## **“NÃO HÁ VIRTUDE MAIOR DO QUE LUTAR, PARA TODO KSHATRIYA”: O GUERREIRO NO *BHAGAVAD GITA***

JOÃO GOMES BRAATZ<sup>1</sup>; CAROLINA KESSER BARCELLOS DIAS<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – joao.braatz@hotmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – carol.kesser@gmail.com

### **1. INTRODUÇÃO**

Nesta pesquisa, procura-se analisar as características e significado da guerra evidenciados no texto indiano *Bhagavad Gita*, pertencente à obra *Mahabharata*, poema épico indiano considerado a maior obra escrita da história da humanidade, com cerca de 90.000 versos duplos. Sua produção é posterior à dos grandes Vedas, os primeiros textos sagrados do que viria a tornar-se o Hinduísmo. Tendo seus versos inteiramente compilados durante o século IV AEC, a obra adquiriu o formato atual aproximadamente pelo século V, e o que se pode depreender desta refere-se ao período brâmanico, aproximadamente entre os séculos X AEC e IV EC, já que se acredita que o processo de produção tenha durado em torno de um milênio, por meio da tradição oral. Dentre os aspectos presentes no *Bhagavad Gita*, pode-se observar principalmente o diálogo entre o deus Krishna e Arjuna, o herói da história. No texto, fala-se sobre o ensinamento divino passado para o herói que, dentre diversos aspectos, trata do sentido da vida e do papel do guerreiro na sociedade védica, tornando a obra referência para a *varna* dos *Kshatriyas*, os xátrias, a *varna* guerreira.

### **2. METODOLOGIA**

Para realização deste trabalho, foram utilizadas traduções para o português do *Mahabharata*, como a de MEIER (2011), traduzida diretamente da primeira versão inglesa de GANGULI (1883-1896) do épico original em sânscrito. Também foi utilizado a tradução comentada de FONSECA (2009), tratando especificamente do *Bhagavad Gita*, que traz explicações a respeito de determinadas palavras em sânscrito e outras possíveis traduções para o português. Com base nas traduções, selecionamos os termos e referências que tratam dos temas guerra, a morte e o guerreiro para esta sociedade que produziu a obra. Utilizou-se para reflexão, por exemplo, a explicação da divindade para o guerreiro Arjuna a respeito da não limitação da vida apenas pelo corpo, mas sim pela alma (FONSECA, 1964, p. 52-53):

A morte é certa para quem nasce, o nascimento para quem morre.  
Por isso, quanto ao inevitável não te deves lamentar.  
(...)  
Esse homem no corpo de todos, Bharata, nunca será morto.  
Por isso, quanto a todos os seres, não te deves lamentar.

Neste trecho, o discurso de Krishna se dá como uma forma de justificar o ato de guerrear até mesmo na circunstância da história em que Arjuna enfrentaria mestres e familiares na batalha, o que lhe pesou a consciência antes do diálogo com a divindade o que era, portanto, injustificável para um *Kshatryia*.

Na intenção de compreendermos a noção da alma do guerreiro, observamos o *Bhagavad Gita* dentro de um contexto maior da literatura – o Mahabharata – e procuramos analisá-lo como uma obra dedicada especificamente ao contexto da guerra, da consciência do guerreiro, e das consequências de seus atos.

Pretende-se ainda utilizar outras obras que tratam a respeito da guerra na antiguidade, bem como outros textos antigos indianos como o Ramayana (que contém uma parte abreviada no próprio Mahabharata), para que façamos uma comparação a respeito da visão desta sociedade sobre a guerra e o dever de um guerreiro

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a leitura da obra e seleção de trechos importantes para o tema da pesquisa, este trabalho se encontra em fase de análise destes trechos, buscando utilizar também outros estudos a respeito da guerra na Índia Antiga como meio de comparação com o que está contido no texto. No estudo de AUBOYER (2002), a respeito do cotidiano na antiguidade indiana, é possível observar pontos que vão ao encontro com aspectos da narrativa da história. Como exemplo pode-se observar o prestígio que a habilidade com o arco e flecha recebia nesta sociedade, sendo até mesmo uma forma de decidir quem iria se casar: “a união é feita com o vencedor de um concurso, do qual a maior prova é um torneio de tiro ao arco”. (AUBOYER, 2002, p. 18). Esta importância pode ser percebida na história por meio do próprio Arjuna ser caracterizado por ser um exímio arqueiro. Além disso, o casamento dos 5 irmãos Pandavas (os vencedores da batalha) com Draupadi (que viria a se tornar rainha) é decidido por uma competição com arco. O discurso da divindade no *Bhagavad Gita* também explica a respeito do *dharma* na sociedade hindu, um conceito complexo que seria como a “função” daquela pessoa na sociedade, baseado em sua *varna*. Tendo Arjuna como um guerreiro,

Krishna afirma, na tradução de FONSECA (2009, p. 54): “Ademais, considerando teu próprio *dharma*, não debes vacilar. Não se conhece nada mais *dhármico* para um xátria do que a luta”. Em trechos como este, nota-se a função do guerreiro nesta sociedade, e como o não cumprimento desta função não era considerada uma possibilidade para a divindade, até mesmo na circunstância da história, em que o herói deve guerrear com membros de sua família para cumprir seus propósitos em batalha.

#### 4. CONCLUSÕES

A inovação desta pesquisa se baseia, portanto, em um foco diferente de análise do *Bhagavad Gita* como estudo da sociedade indiana do contexto de sua produção. Utilizando-a não só como fonte de estudo da espiritualidade e da crença hindu, como é utilizado até os dias atuais, mas como referência para pesquisar a respeito dos valores guerreiros e da visão desta sociedade sobre a guerra.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUBOYER, Jeaninne. **A vida quotidiana na Índia antiga**. 2.ed. Rio de Janeiro: Shu, 2002.

BUENO, Eduardo. A dificuldade em falar sobre “Oriente” no Brasil. In: BUENO, André; ESTACHESKI, Dulceli; CREMA, Everton; NETO, José Maria (ed) **Mais Orientes**. Rio de Janeiro/União da Vitória: Edições Sobre Ontens/LAPHIS, 2017. p. 5-16.

CARDOSO, Ciro. Varnas e Classes sociais na Índia Antiga. In: CARDOSO, Ciro. **Sete Olhares sobre a Antiguidade**. Brasília: UNB, 1998. p. 161-171.

FONSECA, Carlos Alberto. **Canção do venerável: Bhagavad Gita**. Rio de Janeiro: Globo, 2009.

KISTLER, John. **War elephants**. Westport: Greenwood Publishing Group, 2006.

PARAMADVAIT, Swami; ACHARYA, Sripad. **O Bhagavad-gita: A Ciência Suprema**. São Paulo: Serviço Editorial dos Vaishnavas Acharyas, 2003.

RENOU, Louis. **O Hinduísmo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1964.

*THE MAHABHARATA*. GANGULI, Kisari Mohan, Traduzido para o português por Eleonora Meier, disponível em: <<http://www.shri-yoga-devi.org/textos/Mahabharata-Portugues.zip>>. Acesso em: 07 ago. 2018.